



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**REGINALDA CABRAL IMBUNDÉ SANHÁ**

**A ECONOMIA INFORMAL NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO SOBRE A  
AGÊNCIA DAS MINDJERIS BIDERAS DA ETNIA MANCANHA**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**REGINALDA CABRAL IMBUNDÉ SANHÁ**

**A ECONOMIA INFORMAL NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO SOBRE A  
AGÊNCIA DAS MINDJERIS BIDERAS DA ETNIA MANCANHA**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rutte Tavares Cardoso Andrade.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2019**

**REGINALDA CABRAL IMBUNDÉ SANHÁ**

**A ECONOMIA INFORMAL NA GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO SOBRE A  
AGÊNCIA DAS MINDJERIS BIDERAS DA ETNIA MANCANHA**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 28 de Agosto de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rutte Tavares Cardoso Andrade (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Barreto Farias**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>5</b>  |
| <b>2</b> | <b>PROBLEMA</b>  | <b>7</b>  |
| <b>3</b> | <b>JUSTIFICATIVA</b>   | <b>8</b>  |
| <b>4</b> | <b>HIPÓTESE</b>  | <b>9</b>  |
| <b>5</b> | <b>OBJETIVOS</b>   | <b>9</b>  |
| 5.1      | OBJETIVO GERAL   | 9         |
| 5.2      | OBJETIVOS ESPECÍFICOS  | 10        |
| <b>6</b> | <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>   | <b>10</b> |
| 6.1      | MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE  | 10        |
| 6.2      | MINDJERIS BIDERAS  | 12        |
| 6.3      | ECONOMIA INFORMAL  | 13        |
| 6.4      | AS CONTRIBUIÇÕES DAS MINDJERIS BIDERAS NO CRESCIMENTO<br>ECONÔMICO DA GUINÉ-BISSAU | 14        |
| <b>7</b> | <b>METODOLOGIA</b>   | <b>15</b> |
| <b>8</b> | <b>CRONOGRAMA</b>  | <b>17</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>18</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca por meio do contato com a teoria da Afrocentricidade sistematizada por Molefi Kete Asante, a partir do conceito da agência, identificar e compreender a agência da *mindjeris bideras* da etnia Mancanha no processo de desenvolvimentos da Guiné-Bissau. Entende-se que “agência é a capacidade de dispor de recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana” (ASANTE, 2008). Para entender quando e como o conceito de agência ocorre nas práticas de *mindjeris bideras* da etnia Mancanha, e sua participação ativa na economia do país, serão abordadas na pesquisa a concepção de economia informal, a forma como é concebido a atividades comercial de produção de renda das *mindjeris bideras* da Etina Mancanha, na Guiné-Bissau, num contexto marcado pelo sistema de dominação colonial e neocolonial, que historicamente tem inculcados a sua cosmovisão eurocêntrica para avaliar e classificar as práticas e modos de vidas de outros grupos étnicos que não são europeus.

Neste sentido, entendemos o eurocentrismo como um fenômeno e ideologia que concebe a Europa como modelo civilizatória, a partir do qual todas as outras civilizações são avaliadas em seu processo de organização e evolução cultural. Em outros termos, o eurocentrismo é o fenômeno da modernidade de sec. XV, que caracteriza o processo de ascensão da modernidade europeia - vinculado a violência contra os africanos, indígenas e asiáticos. Nascido na Eritreia, o filósofo Tsenay Serequeberhan (1952-) assegura que:

O eurocentrismo é um preconceito localizado na autoconsciência da modernidade. Este fenômeno levou os povos europeus a se conceberem como centro da história mundial relegando os outros povos e culturas à condição de periferia. Está enraizado em seu coração e constitui a crença metafísica ou ideia que a existência europeia é qualitativamente superior às outras formas de vida. (SEREQUEBERHAN. 1997. p142)

No domínio económico as atividades de grupos étnicos historicamente excluídos pelo sistema de dominação ocidental, têm sido historicamente marginalizados e estereotipados pela cosmovisão eurocêntrica. Deste modo, as atividades de produção de rendas realizadas pelas *mindjeres bideras* é concebido como atividade de natureza informal. Na perspectiva do economista moçambicano João Mosca (2009), “A economia *informal*, tal como o comércio, surge como estratégia de sobrevivência dos pobres por incapacidade do que se chama por economia *formal* em absorver o fator trabalho e de gerar rendimentos” (MOSCA 2009, p.6). Mosca defende que a pobreza é vista como fenômeno global e que teve início e efeitos nos

factores económicos em vários níveis; como políticos e sociológicos que muitas das vezes geram crescimentos negativos na qual acaba dificultando o desenvolvimento da sociedade.

Mosca ainda explica que, com o não ajustamento das políticas e com os impactos relevantes na mudança da sociedade produzem comportamentos económicos e sociais que causam pobreza a longo prazo (MOSCA,2009). Diante disso, de modo geral, pode-se dizer que as mulheres tiveram/têm uma contribuição notável para o crescimento econômico da África e em particular da Guiné-Bissau no período antes e durante a colonização através da agricultura e, depois do colonialismo a contribuição das mulheres multiplicaram na economia não só pela agricultura, mas também em outras áreas (FU KIAU e WAMBA, 2018).

Desde então as mulheres vêm se lutando ao lado dos homens para a manutenção da sua família e outras ainda fazem melhor que muitos homens, pois, a maioria dessas mulheres cultivam a terra, fazem plantação, colhem o que plantaram e por fim levam esses produtos para mercados a fim de serem vendidos, depois esses benefícios servem para o sustento da família. Desta feita, essas trajetórias de ano após ano ajuda no pagamento da educação dos filhos e até de outros membros da família (sobrinho/a, irmão/ã...) já que a educação fornecida pelos governantes não é dos melhores. No entanto, pode-se afirmar que a maior parte da economia guineense vem somando através do trabalho das mulheres do sector considerado informal, num contexto social de dominação colonial e neocolonial.

A Guiné-Bissau é um país situado na costa ocidental da África e que faz fronteira ao leste e sudeste com Guiné-Conakry, ao norte com Senegal, as zonas sul e oeste são banhadas pelo oceano Atlântico com apenas 36.125 quilómetros quadrados e mais de 1 milhão de populações. O país é dividido em três (3) provinciais e oito (8) regiões administrativas e um setor autônomo (capital do país) sem esquecer que foi um dos países colonizado pelo Portugal desde 1558 até 1973 data da sua independência. A Guiné-Bissau tem mais de 30 grupos étnicos.

**Figura 1** - Destaca o mapa da Guiné-Bissau o território na qual está inserido a esfera social em debate



Esta pesquisa visa trabalhar especificamente com as mulheres que fazem atividades de compra e venda dentro do país sem mencionar as outras que fazem mesma atividade, mas de um modo diferente (indo para outros países como por exemplo: Senegal, Gambia, Brasil, China, etc.) a fim de comprar produtos e revende-los na Guiné-Bissau.

É notório que, na esfera social em questão não se vendem um produto específico, e sim diversos produtos levando em conta a necessidade social e entre outros fatores. Nesta senda, eis alguns dos produtos alimentícios e não só (peixes, panos, cabelo humano, banana, mandioca (aipim), mancara (amendoim) ect.), no entanto, a pesquisa em questão assenta justamente em analisar a realidade das *bideras* de legumes, verduras, pimentão, alface, pepino, salsa, cenoura, etc.

## 2 PROBLEMA

Diante do exposto é que se formula à seguinte questão: Em que medida, ao longo do tempo, a agência das mindjeris bideras do grupo étnico Mancanhe, tem contribuído no processo de crescimento econômico da Guiné-Bissau ao considerar os processos de modernização do país?

### 3 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema, surgiu a partir da minha presença na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e, especificamente, quando necessitei identificar um tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso. Outro aspecto que me motivou a desenvolver esta temática é o fato de pertencer a etnia Mancanha. É importante frisar que eu nasci numa família de várias gerações de *mindjeris bideras* e cresci dentro dessa sociedade organizada e caracterizada pelas dinâmicas econômicas promovidas pelas práticas e sistema de produção econômicas protagonizada pelas *mindjeris bideras*. E este é o motivo pelo qual quero estudá-la, visando compreender a agência da *mindjeris bideras* no processo de crescimento econômico da Guiné Bissau, ao longo dos tempos.

Assim sendo, como filha de *bidera* sinto a necessidade de conhecer de perto a importância que as *mindjeris bideras* têm para a economia considera informal na sociedade guineense. Sendo que o trabalho da minha mãe faz parte na construção da minha identidade. Sem esquecer que cresci vendo-a a fazer este trabalho ou melhor nasci quando ela já fazia este trabalho. Por este motivo, na disciplina de metodologia, não tive mais dúvida do que queria fazer deste trabalho uma “escrevivência” (EVARISTOE, 2007), sobre os eventos que nos afeta, experiências vividas e doidas, por mim, pela minha família e por tantas mulheres africanas no continente e na diáspora.

Minha mãe, e muitas outras *mindjeris bideras* têm que levantar cedo antes do nascer do sol; de domingo a domingo sem se importar se está chovendo ou se está fazendo frio, a única coisa que ela sempre falava para mim e para minha irmã era: *sou o vosso pai e a vossa mãe então não sofrerão enquanto eu estiver viva*. E é por causa da sua resiliência e força, em garantir a integridade física, e espiritual da família, através do seu trabalho que nós nunca passamos fome, nunca estudamos nas escolas públicas (eu e minha irmã mais velha) nunca ficamos sem pagar aluguel, e inclusive esse mesmo trabalho comprou minha passagem para que eu possa estar aqui hoje e escrever sobre jornada dessa mulher e de suas companheiras e irmãs de trabalho, como elas se chamam.

Esta pesquisa terá uma relevância para as ciências sociais uma vez que vai nos ajudar a reconhecer e valorizar o lugar a qual pertencemos, e nos ajudará saber de onde viemos e para onde vamos, partido das experiências dos nossos ancestrais. Faz-se necessário teorizar sobre os fenômenos e eventos sociais, na perspectiva endógena, considerando a nossa matriz civilizatória e contextualizados nos processos históricos e dinâmicas sociais internas do continente africano (sem esquecer a dispora africana) e as especificidades da Guiné-Bissau. E,



o presente trabalho também servirá como aporte teórico e epistemológico para futuras pesquisas ou pesquisadores que tenham interesse de pesquisar a respeito do mesmo assunto. Por fim, este estudo será muito importante para a sociedade guineense porque ele trará uma análise bem abrangente sobre a economia informal da Guiné-Bissau e a importância que as *mindjeris bideras* tem sobre ela. Então, levar esse tema para a sociedade guineense e não só; será de grande importância na visibilidade e socialização de conhecimentos ricos, complexos e milenares reproduzida e preservada por estas guerreiras.

#### **4 HIPÓTESE**

Partimos da hipótese de que a agência das *mindjeris bideras* da etnia Mancanha, tem sido preponderante no processo de crescimentos económico da Guiné-Bissau, no período muito antes da colonização. A civilização africana, na sua matriz, a natureza, a terra, assim como a prática agricultura, historicamente desempenharam um papel relevante na sobrevivência das famílias africanas a nível continental. É fundamental considerar que ao longo da história do povo africano, com o processo de colonização e *maafa*, (holocausto, tragédia) da escravidão estas atividades económicas derivadas para venda de produtos agrícolas, fundamental para as famílias africanas, sofreram vários impactos não só na sua estrutura como também na forma de concebê-la como uma economia informal.

#### **5 OBJETIVOS**

##### **5.1 OBJETIVO GERAL**

- Analisar a agência das *mindjeris bideras* da etnia Mancanha para compreender a sua contribuição no processo de crescimento económico da Guiné-Bissau, entre 2000-2015.

## 5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Definir a economia informal, destacando o eurocentrismo e seu impacto na definição e nomeação dos fenômenos e eventos da cultura africana;
- Identificar quais são as estratégias desenvolvidas pelas *mindjeris bideras* da etnia Mancanha, para a organização da economia familiar e sobrevivência da família;
- Compreender as estratégias desenvolvidas pelas *mindjeris bideras*, para articular as atividades do processo de compra e venda dos produtos agrícolas às atividades de organização e subsistência familiar;

## 6 REFERENCIAL TEÓRICO

### 6.1 MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE

Para compreendermos a agência e o protagonismo das *mindjeris bideras* da etnia Mancanha no processo de desenvolvimento da economia na Guiné-Bissau, é importante, primeiramente, analisar a estrutura organizacional das sociedades africanas e principalmente a sociedade guineense. Na concepção de historiador, antropólogo senegalês Cheikh Anta Diop (1980), a sociedade africana tem na sua gênese, o princípio de matriarcado. Historicamente, as mulheres sempre ocuparam um papel de destaque dentro do meio social em que elas se encontram inseridas. Pois, nas economias elas desempenham um papel preponderante na produção e distribuição e venda dos produtos agrícolas. “Constata-se aqui uma espécie de confirmação através da lenda da tradição, que atribui as mulheres um papel ativo na descoberta da agricultura” (DIOP, 1982, p.56).

Sendo assim, cabe destacar que na organização da África pré-colonial o sistema era matrilinear. Segundo Chagas (2011), a matrilinearidade é um modelo de organização importante para história da África pré-colonial, já que, a sua base estava centrada na família e com uma mulher à frente. De acordo com este autor, alguns estudiosos ocidentais ao se depararem com esta situação construíram interpretações para a desvalorização das comunidades matrilineares africanas, citando Friedrich Engels como um deles. A diferença existente entre a sociedade, ou seja, a organização social dos europeus e dos africanos, levou os estudiosos a validar o modelo de patriarcado, como padrão de organização social e política.

Para o autor, o sistema focado na matrilinearidade delegava à mulher o poder de comandar e de tomar decisões. Em função desse modelo de organização, a mulher não se limitava só a participar no poder ao lado do homem, mas, também, tomava decisões sobre questões da política, administrativas e econômicas. “Desta feita, era a responsável máxima pelos destinos e manutenção das comunidades tradicionais”. (CHAGAS, 2011, p.2)

Na mesma linha de pensamento, vale salientar também que esse modelo de organização ainda está presente em algumas sociedades, mas não no seu todo. As zonas urbanas, por exemplo, herdou-se quase tudo do colonizador, principalmente o patriarcado, então, na Guiné-Bissau, os homens são vistos como chefes de famílias, mesmo sem emprego, são tratados com muito respeito. Esse modelo de organização está mudando agora, porém, como se sabe, tudo o que é associado ao europeu sempre é considerado como padrão, foi o que aconteceu com o patriarcado. Segundo Nascimento (2008), a ideia de superioridade do patriarcado enquanto sistema organizacional foi divulgado apenas por ter sido associado como sendo uma prática do europeu e, assim, passou a ser considerado cultural.

Na Guiné-Bissau, como nos demais países africanos à participação das mulheres tem sido muito importante, na dimensão política, principalmente quando houve o processo de luta pela libertação nacional, como sustenta a pesquisadora guineense. A contribuição das mulheres foi importante e permitiu alcançar objetivos em termos de organização das novas instituições nas áreas libertadas. As mulheres guineenses tiveram destaque em alguns domínios, tendo a componente feminina do movimento da libertação contribuído de forma positiva, para a mudança de mentalidades sociais, sobretudo nos meios rurais, em que a resistência, a sua presença em lugares de decisão era mais evidente (GOMES, 2015, p. 171).

No mesmo país, atualmente, de maneira geral, a política em sua maioria é dirigida por homens, no entanto, de acordo com Gomes (2015) ultimamente esse quadro tem demonstrado um certo equilíbrio, isso porque em alguns momentos as mulheres apareceram, não de maneira significativa, mas, sempre dando as suas contribuições, “a visão de gênero, sustentada pelo movimento de libertação como condição essencial para uma efetiva emancipação da sociedade, constituiu um dos pressupostos da ideologia da libertação”. (GOMES, 2015, p. 174)

Meses atrás, uns grupo de mulheres parlamentares apresentaram ao parlamento guineense uma proposta de lei de quotas, que permitirá as mulheres uma maior participação nos espaços públicos. A proposta foi discutida e, posteriormente aprovada por unanimidade no parlamento do país, com base nisso, a proposta de lei deixa as seguintes recomendações, como consta no jornal *O Democrata*, veículo de comunicação que circula no referido país:

Determina a participação das mulheres em 36 por cento, mas a soma implementação localiza apenas em cargos eletivos, designadamente assembleia nacional popular, e Autarquias Locais (O'DEMOCRATA, 2018.). Isso simboliza um avanço significativo para os guineenses, a lei em si, servirá como um incentivo para as mulheres entrarem mais na classe política e participar em grandes momentos da tomada de decisões concernentes ao país.

## 6.2 MINDJERIS BIDERAS

Antes de trazer outra definição de *mindjeris biberas* é necessário trazer o conceito da mulher, mas como se sabe muitas das vezes torna-se difícil falar da mulher sem trazer alguns estudos sobre gênero; já que muitas pesquisadoras feministas, usam o gênero como exemplo para explicar e compreender a submissão e humilhação de algumas mulheres em quase todo mundo e precisa-se lembrar que “gênero é uma construção social” (OYEWUMI,1997). Neste sentido faz-se necessário trabalhar com alguns autores que abordaram esse assunto (gênero) e interligá-los com os que falaram da mulher para depois trazer uma definição mais abrangente de *mindjer bidera*, a qual este trabalho se direciona.

Segundo Casimiro e Andrade (2005) foi a partir dos finais da década de 1960 que os estudos das relações sociais entre homens e mulheres começaram a ganhar consistência nos países da língua inglesa onde foi categorizada a palavra gênero (*gender*), e só depois veio a ser estudado noutras partes do mundo. O gênero surgiu como categoria de análise para questionar a subalternidade e subalternização das mulheres, implicando várias dimensões de poder e simbologias relacionadas à linguagem dos corpos, à representação do masculino e do feminino, elemento constitutivo das identidades e dominação masculina inscrito na palavra, nas coisas, nos objetos, nos espaços, nas estruturas mentais, na percepção que temos sobre outros e na forma de usar o nosso próprio corpo.

De acordo com Patrícia (2016), o gênero é como ferramenta de pensamento crítico que serve para explicar as formas de experiências das mulheres em relação à exclusão patriarcal, a impunidade, a supremacia e a desumanização através de um exercício teórico e prático. Fadden ainda ressalta que o encarceramento patriarcal das mulheres através de papéis e deveres normalizados foi iluminado pela invenção de gênero e da sua categórica insistente em afirmar que não se trata de sexo, e sim dos locais e práticas de exploração e exclusão do poder.

Assim como gênero, ser mulher também é uma construção social fixada nas relações interpessoais concretizado no tempo, espaço e no contexto social na qual a mulher se faz

presente (BARROS e ROCHA, 2009), seja na agricultura, na economia, na educação, etc. Se ser mulher tem toda essa qualidade pode-se imaginar que ser uma *mindjer bidera* é tudo isso e muito mais. Por que para além de ser mãe, esposa, filha, irmã, entre outros papéis, *Mindjer bidera* é aquela que sai todos os dias a procura de sustento para sua família deixando seus filhos para trás, outras ainda colocam seus filhos nas costas e saem a procura dos produtos para comprar e revende-los depois. É nesse processo de compra e venda que elas adquirem lucros e sustento.

### 6.3 ECONOMIA INFORMAL

Embora o “setor informal represente uma grande parte na geração de renda para uma parte significativa da população” (BARBOSA,2011) de países pobres e, países em vias de desenvolvimento, o Estado muitas das vezes vê o setor informal como uma forma nefasta de acumular riquezas. Deve ser porque as pessoas que praticam essas atividades consideradas “informais” formam a parte inferior da escala socioeconômica.

Muitos países africanos e não só seguem a mesma linha de prática de atividades informais e a Guiné-Bissau também não fica de fora por que, “as mulheres contemporâneas se mobilizam, desenvolvem estratégias de mobilidade social, e promovem o desenvolvimento endógeno e sustentado da sociedade onde vivem” (DOMINGUES,2000, p.7) e ousa afirmar que na Guiné-Bissau a economia informal é uma das fontes de renda de muitas famílias. Com isso limito em dizer que o informal é o que o Estado menospreza, por acharem que estas práticas não geram uma receita significativa para o Estado, enquanto instituição colonial eurocêntrica. Vale lembrar que a função do Estado não é de gerir lucros, mas sim de garantir o bem-estar da população.

O economista De Soto (1987), autor do trabalho intitulado: *Economia subterrânea: uma análise da realidade peruana*, fez uma análise sobre a informalidade afirmando que é uma “zona de penumbra que tem uma extensa fronteira com o mundo legal e onde os indivíduos se refugiam quando os tributos para cumprir as leis excedem os seus benefícios” (DE SOTO, 1987, p. 46). De mesmo modo João Mosca, na sua obra denominada: *Pobreza, economia “informal”, informalidades e desenvolvimento*, também definiu a informalidade da seguinte forma:

Entende-se neste texto por informalidades, todas as relações de natureza económica, jurídica, sociais ou burocráticas que não estando reguladas parcial ou totalmente, existem e fazem parte das regras de funcionamento da sociedade e contribuem para

que os padrões de reprodução da sociedade e economia persistam. Define-se neste trabalho por padrão de acumulação ao modo que se realiza e é apropriada a riqueza, como se distribui, os mecanismos de transferência intersectorial de valor, como é utilizada (principalmente em investimentos e no consumo), que relações sociais sustentam e reproduzem e como o poder participa, integra-se, facilita ou dificulta a acumulação. (MOSCA, 2009, p. 5).

Deste modo, vê-se que tanto De Soto quanto Mosca mostraram que a informalidade é o que não obedece a lei e, eu concordo com a definição dos dois. Mas, não é o que meu trabalho defende; uma vez que vim de uma sociedade onde as pessoas do setor informal ganham seu sustento e da sua família através desta atividade (compra e revenda). Por que se dependesse do Estado não teriam nem água para beber.

#### 6.4 AS CONTRIBUIÇÕES DAS MINDJERIS BIDERAS NO CRESCIMENTO ECONÔMICO DA GUINÉ-BISSAU

Ao falar do crescimento econômico da Guiné-Bissau deve-se falar das *mindjeris bideras*, mas sabe-se que o trabalho dessas mulheres não consta no dados que constitui o PIB (produto interno bruto) do país. Lembrando que a Constituição da República da Guiné-Bissau, nos seus artigos 24 e 25, determinam que todos os cidadãos são iguais perante a lei, gozam dos mesmos direitos e estão sujeitos aos mesmos deveres, sem distinção de raça, sexo, nível social, intelectual, cultural, crença religiosa ou convicção filosófica, e ainda destaca que o homem e a mulher são iguais perante a lei, em todos os domínios da vida política, econômica, social e cultural (ASSEMBLEIA NACIONAL POPULAR, 1996).

Isso mostra que as mulheres têm direito de fazer qualquer tipo de trabalho, porque a lei permite que elas o façam. Sendo que elas já o faziam antes mesmo da criação desta lei. Segundo Kafo (2006) e Gomes (2013), desde início da história da Guiné-Bissau as mulheres guineenses desempenharam um papel importante durante a colonização e na luta da libertação nacional. As mulheres mobilizavam as populações para aderir a causa e, até liberavam as suas casas para as realizações das reuniões ocultas do partido P.A.I.G.C. (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde). Elas também mantinham os homens informados sobre a movimentação da tropa inimiga e levavam comida para as tropas nacionais.

Desta forma, vê-se que o esforço das mulheres não pararam por aí. Uma vez que logo após a luta da libertação nacional muitas mulheres não ocuparam o mesmo espaço que homens, sendo que elas lutaram lado a lado com os homens. Algo que serviu só para ser

contado, as coisas podiam mudar com a criação da Constituição da República de 1996, mas a sociedade guineense decide adotar o regime patriarcal deixando com que a mulher ocupasse a esfera inferior da escala social (SANCA,2014), duvidando da sua capacidade visto que, elas são o cérebro por detrás da descoberta da agricultura (DIOP,1982,p.56).

Desse modo, a sociedade guineense vivência “esta árdua realidade que acaba direcionando as mulheres a serem empreendedoras do mercado informal, criando pequenos negócios com o objetivo de assegurar o sustento da família” (SANCA,2014). E, é desta forma que as *mindjeris bideras* contribuem para o crescimento econômico da Guiné-Bissau, não deixando suas famílias passar fome e pagando as taxas impostos pelo Estado.

## 7 METODOLOGIA

Como se sabe, as pesquisas científicas precisam de modelos para serem elaboradas, para o melhor desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos da pesquisa qualitativa e, aplicaremos os métodos descritivos com abordagem antropológica para análises dos dados, e fazendo sobretudo as revisões bibliográficas para melhor investigação do tema da pesquisa, onde faremos a coleta de fontes referenciais e levantamento de dados na qual servirá de fio-condutor para todo o processo de pesquisa da temática que está sendo discutida.

De acordo, com Minayo (2001), “uma pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Mas, o estudo sobre vida das *mindjeris bideras* prescreve uma essência qualitativa de grande medida para contextualizar o maior entendimento do problema a ser analisado. Para além de levantamento dos dados, os materiais coletados também serão analisados junto das entrevistas realizadas. Contanto que estas entrevistas acompanhadas de pesquisas bibliográficas que nos ajudará a ter um trabalho bem organizado.

Segundo, Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Nesse sentido vamos procurar através de banco de dados disponíveis na internet, livros, textos eletrônicos, artigos, jornais etc. Estes materiais irá nos ajudar na realização e no aprofundamento do nosso trabalho. Sendo que muitos dos livros e artigos científicos são analisados pelo conhecedores da área em debate antes mesmo de serem lançados no mercado.

Ao fazer pesquisa de campo, para melhor sustentar o nosso trabalho, pretendemos entrevistar cerca de dez *mindjeris bideras* para dar mais suporte a nossa pesquisa. Então, este

trabalho limitará em trabalhar apenas com as mulheres sendo que existe homens que fazem esse tipo de atividade; trabalharemos com mulheres de idade compreendida entre 27 à 60 anos. Os alvos principais para esta entrevista serão as mulheres que tem baixa renda familiar, de grupos étnicos mancanha.

Serão utilizadas as técnicas de entrevista semi-estruturadas que para Triviños (1987, p. 146), é caracterizada pelos questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador, complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Com a intenção de realizar essa pesquisa em diferentes feiras da Guiné-Bissau teremos como alvos principais as *mindjeris bideras* de *caracol e de tambarina*, onde agrupa a maior parte das *bideras* da cidade Bissau. Com as mulheres mais velhas, serão realizadas – entrevistas semi-estruturadas, afim de obter os resultados em relação a protagonismo das *mindjeris bideras* da etnia mancanha e as suas estratégias para garantir a sobrevivência da família. A opção por fazer entrevista com estas mulheres, é que por meio delas, serão obtidas bases necessárias para desenvolver entrevistas com as mulheres de geração mais nova. A entrevista será direcionada para o contexto que elas vivenciam. Caso for possível e necessário serão realizadas filmagens, considerando que as imagens poderão contribuir para uma melhor compreensão do objeto da pesquisa.



## 8 CRONOGRAMA

| ATIVIDADES                             | SEMESTRES |   |   |   |   |   |
|--|-----------|---|---|---|---|---|
|  | 1         | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| Revisão bibliográfica                  | X         | X |   |   |   |   |
| Pesquisa de outros materias            |           |   | X | X |   |   |
| Análise dos dados                      |           |   |   | X | X |   |
| Execução da pesquisa de campo          |           |   |   |   | X | X |
| Redação do projeto                     |           |   |   |   | X | X |
| Análise final, e entrega da monografia |           |   |   |   |   | X |

## REFERÊNCIAS

- ASANTE, Molefi Kete. “Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar”. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora. 1º Edição, São Paulo, Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: Introdução a uma idéia. *Ensaio Filosófico*, Rio de Janeiro, v.16, p. 6-18, dez. 2016, Tradução de Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo.
- BARBOSA, A. F. O conceito de Trabalho Informal, sua evolução histórica e o potencial analítico atual: para não jogar a criança fora junto com a água do banho. In: OLIVEIRA, R.V.; GOMES, D.; TARGINO, I. (Org.). *Marchas e contramarchas da informalidade do trabalho*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 105-159.
- BARROS, J.N.; ROCHA, M.M.S. **Mulher, mãe e profissional**: Uma breve discussão sobre o reflexo dessas escolhas no modo de ser mulher. *Kaleidoscopia (Coronel Fabriciano)*, v. 02, p.42-56, 2009.
- BORGES, M. M. (2005). As mulheres em África: dinâmicas informais de socialização, educação, reprodução e inovação cultural. *Revista Educação em Questão*, 22 (8), 7-33
- CABRAL, Amílcar. *Unidade, luta e progresso*.
- CASIMIRO, Isabel Maria; ANDRADE, Ximena. Investigação sobre Mulher e Gênero no Centro de Estudos Africanos. **Estudos Moçambicanos**, Maputo, n. 21, p. 7-27, 2005.
- CATEIA, J.V.; EMAIL, I.C. da Silva; ROHENKOHL, J.E. **A mudança estrutural em Guiné-Bissau**, Florianópolis, 2018.
- CHAGAS, W. F. (2011). A condição da mulher na África tradicional. IN: Anais do III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, olhares diversos sobre a diferença. João Pessoa.
- DE SOTO, H. *Economia subterrânea: uma análise da realidade peruana*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África negra**: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica, Angola, 1982.
- DOMINGUES, M.M.A.B. **Estratégias femininas entre as bideras de Bissau**. Lisboa, 2000.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- FERNANDES, Raul Mendes. **O informal e o artesanal: pescadores e revendedeiras de peixe na Guiné-Bissau**. Coimbra, 2012.

GERARDT, Tatiana, Engel, Silveira, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa / [organizado por] – UAB/UFRGS – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. ed.5- São Paul: Atlas, 2010.

GOMES, Patrícia Godinho. Na senda da luta pela paz e igualdade. **O contributo das mulheres guineenses**. 2013. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/na-senda-da-luta-pela-paz-e-igualdade-o-contributo-das-mulheres-guineenses>. Acesso em 26 de outubro de 2018.

GOMES, Patrícia Godinho. “**As mulheres do sector informal. Experiencia da Guiné-Bissau**”. **Ciclo de encontros sobre o empreendedorismo feminino**, Alentejo Central (Portugal), 2012.

KAFO, Federação. **Política de gênero**. República da Guiné-Bissau. Djalicunda 2006. Disponível em: «<http://kafobissau.org/wp-content/uploads/2011/10/PoliticaGeneroKAFO.pdf>». Acesso em 12 de agosto de 2019.